



DOI: 10.20911/25260782v10n1p82/2025

O Filósofo-Guerreiro: Uma Proposta de “Ética Artístico-Marcial” a partir da obra *Ecce Homo* de Nietzsche

Felipe Araujo Fernandes¹

Resumo: Este artigo busca fazer uma interpretação da noção de “Filósofo Guerreiro”, e suas características, apresentada por Nietzsche em sua autobiografia *Ecce Homo*. O objetivo é apresentar essa ideia e, a partir dela, extrair reflexões sobre um certo modo de fazer filosofia, um modo de ser filósofo. Além disso, defende também a hipótese de que a “guerra” é tema central dentro da filosofia, que merecia uma atenção especial por parte de nós, filósofos. Assim, partimos do princípio de que a guerra não deve ser apenas vista como uma metáfora para pensar a sociedade ou mesmo o exercício filosófico, mas sim como um fenômeno real, que acompanha a humanidade há milênios, o que justifica um estudo profundo dela e de como lidar com ela.

Palavras-chave: Guerreiro, Filósofo, Nietzsche

INTRODUÇÃO

Poderíamos dizer que a noção de “guerra” percorre toda a filosofia de Nietzsche e dialoga diretamente com sua malha conceitual, não apenas na noção de Filósofo guerreiro, mas também na sua concepção de trágico, fidelidade à terra, na relação entre apolíneo e dionisíaco, vida como obra de arte, eterno retorno e tantas outras.

Este artigo se limitará a apresentar um breve panorama, para fundamentar esse pressuposto defendido, no sentido de sugerir uma perspectiva, para aqueles que não são estudiosos deste filósofo. Mas, para os “especialistas”, podemos admitir que é ainda mais evidente como a guerra esteve presente na vida de Nietzsche; seja em sua postura afrontosa, em sua biografia de participação como enfermeiro na guerra e em seu próprio exercício filosófico, se enxergando como “dinamite” e filosofando com “martelos”, que despedaçam ídolos.

Nietzsche atua para combater e superar a moral tradicional que valoriza a fraqueza e a submissão, a que ele vai chamar de uma “moral de escravos”; uma moral que valoriza o ressentimento, a compaixão e a negação da vida. Essa moralidade, segundo Nietzsche, está enraizada na busca por um “além-mundo” — uma fuga da realidade terrena em prol de uma promessa idealista e metafísica. Contra essa fuga, Nietzsche defende uma fidelidade à terra, um compromisso radical com a vida como ela é, em sua totalidade, sem recorrer a

1 Doutorando em Filosofia. PPGF/UFRJ. E-mail: felipearaujo.fernandes87@gmail.com.

um consolo metafísico. Esse vínculo entre “superar a moral tradicional” e ser “fiel à terra” revela-se como parte de um mesmo projeto: rejeitar o idealismo que nega a vida e afirmar a existência terrena como o verdadeiro campo de batalha onde o indivíduo pode se superar e criar novos valores. Em *Assim Falou Zaratustra*, no capítulo “Da virtude Dadivosa”, somos novamente orientados a recusar as “soluções eternas”:

Meus irmãos, permanecei fiéis à terra com todo poder da vossa virtude. Sirvam ao sentido da terra o vosso amor dadivoso e o vosso conhecimento. Eu vos rogo, e a isso vos conjuro. Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrestres e adejar contra paredes eternas. Ai! Tem havido sempre tanta virtude extraviada! Restituí, como eu, à terra a virtude extraviada. Sim; restituí-a ao corpo e à vida, para que dê à terra o seu sentido, um sentido humano. (NIETZSCHE, 2012, p. 83-84).

Fidelidade à terra quer dizer assumir suas responsabilidades sem as transferir para ninguém (como Deus, por exemplo), com isso, entender que a solução dos problemas do mundo não está fora dele. Há um combate a uma posição “idealista” e “estática” da vida. Ser fiel à terra é aceitar o mundo terreno, não se refugiando num mundo inventado. Nietzsche supõe necessária essa característica para que seja superado o “homem ordinário”, o homem que se limitou aos valores desta sociedade e não está disposto a se superar, a ir para além de si mesmo; não está disposto a ser um *super-homem*.

Desse modo, a filosofia de Nietzsche confronta a ideia de metafísica. Justamente por isso que em sua autobiografia, *Ecce Homo*, ela afirma que não é um homem, mas uma dinamite. Porque ele se entende com aquilo que vai demolir os ídolos e implodir as estruturas idealistas. Seu objetivo é filosofar com um martelo, no sentido de estar disposto a destruir as estruturas dominantes, sejam epistemológicas, morais, metafísicas, filosóficas, culturais; todas formas de impor uma verdade absoluta, uma lei divina. Nietzsche usa seu martelo para destruir os ídolos criados pelos modelos estruturantes.

Essas divindades metafísicas são recusadas por Nietzsche. Na verdade, o autor anuncia que “deus está morto”, ou seja, a noção de uma verdade absoluta, de uma ideia metafísica eterna, inquestionável e totalizante, não tem mais vida, seja em que área do conhecimento for: filosofia, ciência, mitologia ou arte. Nietzsche rompe com as velhas tradições e apresenta novas perspectivas epistemológicas.

Aqui podemos dizer que há uma defesa de uma “filosofia do corpo”, em contraposição a uma possível concepção de fazer filosófico que por ventura negasse o corpo. Não no sentido de dizer que o corpo é mais importante que a reflexão, que o espírito. A questão é que a cisão entre estes dois aspectos geraria concepções problemáticas; de um lado um corpo sem espírito e de outro um espírito sem corpo. Esta relação entre corpo e alma teve seu divórcio marcado pelo pensamento de “Sócrates-Platão-Aristóteles”, e potencializado pelo cristianismo, segundo a denúncia de Nietzsche.

Assim, ele tem como objetivo enfrentar esse idealismo, que furta a força humana e a própria humanidade, inventando um ser humano que não existe na natureza, que só existe no “mundo das ideias” de quem nega a vida.

Enfermos e decrépitos foram os que menosprezaram o corpo e a terra, os que inventaram as coisas celestes e as gotas de sangue redentor; mas até esses doces e lúgubres venenos foram buscar no corpo e na terra! Queriam fugir da sua miséria, e as estrelas estavam demasiado longe para eles. Então suspiraram: “Oh! se houvessem caminhos celestes para alcançar outra vida e outra felicidade!” E inventaram os seus artifícios e as suas beberagens sangrentas. E julgaram-se arrebatados para longe do seu corpo e desta terra, os ingratos! A quem deviam, porém, o seu espasmo e o deleite do seu arroubamento? Ao seu corpo e a esta terra. (NIETZSCHE, 2012, p. 46).

Nesse sentido, ele atua como uma espécie de “médico” que dá um diagnóstico da humanidade, que se encontra adoecida. E faz uma busca “arqueológica” para encontrar os primeiros destroços dessa cultura decadente, para encontrar a origem da doença. Em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma ser o primeiro filósofo verdadeiramente trágico e cita Heráclito como um possível predecessor, ressaltando a centralidade da guerra como um elemento da vida.

Antes de mim, não existia a transposição do dionisíaco em pathos filosófico: faltava a sabedoria trágica – em vão procurei os seus indícios nos grandes gregos da filosofia, nos que existiram dois séculos antes de Sócrates. Permaneceu em mim uma dúvida quanto a Heráclito, em cuja proximidade em geral me sinto com um ânimo mais caloroso, mais bem disposto do que em qualquer outro ponto. (NIETZSCHE, 2011, p. 55).

Para Nietzsche, a guerra, simbolizada pela noção heraclitiana de “*pólemos*”, é o motor do devir, a força que impulsiona a vida através do conflito constante. Essa concepção está expressa em duas de suas célebres frases: “O combate é de todas as coisas o pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres” (HERÁCLITO, 1999, p. 93) e “é preciso saber que o combate é o o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vêm a ser segundo discórdia e necessidade” (HERÁCLITO, 1999, p. 96). E nas palavras de Nietzsche podemos ver uma sintonia com a concepção de Heráclito:

A afirmação do desvanecimento e da aniquilação, o elemento decisivo numa filosofia dionisíaca, o dizer sim à oposição e à guerra, o devir, com a radical renúncia ao próprio conceito de «ser» – eis onde devo, em todas as circunstâncias, reconhecer a minha maior afinidade com o que até agora foi pensado. (NIETZSCHE, 2011, p. 55).

Essa aceitação do combate como parte intrínseca da existência reflete a rejeição da ideia de um mundo fixo e eterno, um “além-mundo” promovido pela tradição platônica e cristã. Em verdade, em sua *Genealogia da moral*, ele vai associar a saúde e a força ao próprio espírito guerreiro, e a fraqueza e a doença a essa moral de escravos:

Acredito poder interpretar o latim *bonus* como “o guerreiro”, desde que esteja certo ao derivar *bonus* de um mais antigo *duonus* (compare-se *belum*= *duelum*= *duen-lum*, no qual me parece conservado o *duonus*). *Bonus*, portanto, como homem da disputa, da dissensão (*duo*), como o guerreiro: percebe-se o que na Roma antiga constituía a “bondade” de um homem. (NIETZSCHE, 2009, p. 21).

Em *A Genealogia da Moral*, ele descreve a origem dessa moral como uma reação dos fracos contra os fortes, onde o sofrimento é glorificado e a vontade de poder é reprimida. A sabedoria trágica, por outro lado, exige a transvaloração de todos os valores, substituindo os ideais de negação da vida por uma afirmação total da existência em toda a sua brutalidade e beleza.

A vontade de poder é, para Nietzsche, o princípio fundamental da vida. Diferente da interpretação simplista de dominação política ou militar, a vontade de poder é entendida como a força criativa e afirmativa que permeia toda a realidade. Nietzsche descreve a vida como um constante devir, uma luta de forças que se afirmam e se superam mutuamente. Nesse sentido, a vontade de poder é tanto um impulso de criação quanto de destruição. A guerra, portanto, não é apenas um fenômeno externo, mas uma expressão do dinamismo vital que define a própria existência.

Para o filósofo-guerreiro, a guerra não é um estado excepcional, mas o estado natural da vida. O conflito está no cerne da realidade, e o filósofo deve abraçar essa luta como uma oportunidade de autoafirmação e criação de novos valores. Nietzsche vê a moralidade cristã como uma tentativa de suprimir essa vontade de poder, promovendo a fraqueza e a submissão como virtudes, expressos nos valores cristãos, que buscam uma visão de rebanho, buscam “oferecer a outra face”. O filósofo-guerreiro, por outro lado, rejeita essas restrições e vive de acordo com a lei do devir: criar é também destruir. Ao aceitar a vontade de poder, o guerreiro filosófico abraça o caos e a incerteza como partes indispensáveis do processo criativo. Assim, ele aprende a se tornar um guerreiro, ou a desenvolver o *pathos* guerreiro, que já é seu. Nesse sentido, um estudo sobre as guerras e sobre a marcialidade se torna central para os filósofos e todos que estão dispostos a guerrear.

Outro conceito central na filosofia de Nietzsche é o *Amor fati*, ou o amor ao destino. Nietzsche sugere que o verdadeiro filósofo deve amar a vida em sua totalidade, incluindo o sofrimento, o conflito e a destruição. O *Amor fati* é a aceitação radical do devir, sem qualquer desejo de escapar ou modificar a realidade. Esse conceito está intimamente ligado à ideia de guerra, pois implica a aceitação da luta e do conflito como aspectos inevitáveis e necessários da existência.

O *Amor fati* reflete uma postura ativa diante da vida, em que o filósofo-guerreiro não apenas aceita as adversidades, mas as celebra como oportunidades de crescimento e transformação. Nietzsche descreve essa atitude como a capacidade de afirmar a vida em suas expressões mais trágicas, rejeitando qualquer forma de ressentimento ou negação da realidade. O guerreiro-filósofo ama o combate porque é através dele que ele pode se superar e afirmar sua vontade de poder. Esse amor ao destino, mesmo quando o destino é cruel, é o que diferencia o verdadeiro filósofo-guerreiro das massas que buscam consolo em ilusões metafísicas ou morais.

O dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no sacrifício de seus mais elevados tipos — a isso chamei dionisíaco, nisso vislumbrei a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para livrar-se do pavor e da compaixão, não para purificar-se de um perigoso afeto mediante sua veemente descarga — assim como o compreendeu Aristóteles —: mas para, além do pavor e da compaixão, ser em si mesmo o eterno prazer do vir-a-ser — esse prazer que traz em si também o prazer no destruir... (NIETZSCHE, 2006, p. 106-107).

Por fim, o *Amor fati* se entrelaça com a ideia de eterno retorno, que propõe que devemos viver como se cada ação e cada evento estivessem condenados a se repetir infinitamente. Essa ideia coloca a vida em um ciclo interminável de luta e superação, onde o filósofo-guerreiro é aquele que aceita essa repetição não como uma maldição, mas como um “teste de força”. O eterno retorno é, para Nietzsche, o desafio supremo: o guerreiro deve viver como se cada decisão fosse irrevogável e se repetisse eternamente.

O eterno retorno intensifica a metáfora da guerra, pois coloca o filósofo em um campo de batalha sem fim, onde ele deve constantemente lutar para se afirmar e criar. A aceitação dessa ideia exige uma força espiritual extraordinária, pois implica não apenas enfrentar o sofrimento e o conflito, mas abraçá-los como aspectos permanentes da existência. O filósofo-guerreiro que aceita o eterno retorno é aquele que está disposto a viver cada momento como se fosse eterno, encarando a guerra como uma condição ontológica da vida.

Essa postura não se configura como um fatalismo ou pessimismo, que aceitaria todas as covardias e mazelas como inevitáveis. Em verdade, a postura do guerreiro é justamente a de entender o que é possível de ser mudado e o que não é. Trata-se de uma visão de sensibilidade diante do mundo, para entender o que é inevitável e o que não é, o que devemos aceitar e o que devemos enfrentar. A morte, nesse prisma, como algo inevitável, se mostra como um importante elemento para aprendermos a lidar. E, como a guerra lida “cara a cara” com a morte, então, ela é o terreno mais rico para aprendermos a nos conectar com a vida e com nós mesmos.

ECCE HOMO E O FILÓSOFO-GUERREIRO

Agora sim, feitas as devidas considerações, podemos entrar na obra *Ecce Homo*, uma autobiografia escrita por Nietzsche e que nos oferece importantes apontamentos sobre essa sua noção de guerra. No trecho a seguir estão contidos alguns dos elementos fundamentais para entender esse filósofo guerreiro, para entender esse *pathos* agressivo:

Outra coisa é a guerra. Por índole, sou guerreiro. Atacar faz parte dos meus instintos. Poder ser inimigo, ser inimigo pressupõe talvez uma natureza forte; de qualquer modo, é condicionado em toda a natureza forte. Esta precisa de resistências, portanto busca a resistência: o *pathos agressivo* pertence tão necessariamente à força como o sentimento de vingança e a simpatia à fraqueza. [...] A força do agressor tem na oposição, de que ele precisa, uma espécie de medida; toda a expansão se revela na busca de um adversário – ou problema – poderoso: de facto, um filósofo belicoso provoca também problemas para o duelo. A tarefa não consiste em dominar as resistências, mas em superar aquelas a que se deve aplicar toda a sua força, versatilidade e mestria nas armas – consiste em dominar adversários iguais... (NIETZSCHE, 2011, p. 26-27).

O autor começa falando da força e da resistência, afirmando que o *pathos* agressivo pertence à força e a força necessita de resistência. E a força do adversário é a medida da nossa própria força, ou seja, nossos adversários é que vão ditar a força que usaremos contra eles próprios. Dessa maneira, a resistência é sempre proporcional à força; quanto mais força se emprega, mais resistência será exigida. Há, portanto, uma relação dialética entre força e resistência, na qual uma só existe com a outra.

É interessante que Nietzsche decida comparar “adversário” com “problema”. Isso faz sentido se tomarmos os problemas como elementos a serem enfrentados, que devem ser superados. Um filósofo belicoso provoca problemas para poder duelar. Mas não qualquer problema, qualquer adversário, e sim problemas-adversários poderosos.

É nesse sentido que podemos comparar o fazer filosófico com o fazer de um artista marcial, no sentido de que se trata de um exercício tanto de guerra como de criação. Os conceitos filosóficos são, assim, como “ferramentas de combate”. Ferramentas criadas pelo próprio filósofo em questão.

A tarefa do filósofo-guerreiro, segundo Nietzsche, não consiste em buscar vitórias fáceis ou derrotar “inimigos caídos”. Para ele, tais conquistas não promovem o crescimento real ou a autossuperação. A verdadeira tarefa reside em enfrentar resistências que estejam à altura do próprio poder e potencial, adversários que sejam igualmente fortes, ou mesmo superiores. Isso obriga o indivíduo a utilizar todas as suas capacidades e a se esforçar ao máximo, o que gera, conseqüentemente, um processo de autossuperação genuína. Nietzsche valoriza isso

como fundamental para o desenvolvimento da força e da grandeza. Através da confrontação com o que é verdadeiramente difícil ou desafiador, o indivíduo se eleva.

Por isso é preciso “aplicar toda a sua força, versatilidade e mestria nas armas”. Um filósofo guerreiro “ama a guerra”. Em *Assim Falou Zaratustra* há um capítulo que recebe o nome de “Da Guerra e dos Guerreiros”, onde ele se utilizará de Zaratustra para dizer:

Vós deveis procurar o vosso inimigo e fazer a vossa guerra, uma guerra por vossos pensamentos. E se o vosso pensamento sucumbe, a vossa lealdade, contudo, deve cantar vitória. Deveis amar a paz como um meio de novas guerras, e mais a curta paz do que a prolongada. Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas a vitória. Seja o vosso trabalho uma luta! Seja vossa paz uma vitória! (NIETZSCHE, 2012, p. 55).

O filósofo-guerreiro ama a guerra e a busca não porque tenha prazer na dor e sofrimento. Mas, porque é na guerra que temos condições de nos superarmos, de vermos toda a potência de nossa força e saúde, toda nossa capacidade de versatilidade e de maestria com as armas. É na guerra que a vontade de potência se realiza de forma mais plena, digamos assim.

Em uma guerra, não há espaço para as fantasias e ilusões do “além-mundo”. A guerra nos impele a ver a realidade nua e crua; não há máscaras. E, além disso, só na guerra o corpo é soberano, pode ser tomado como a “grande-consciência” que é. Porque na guerra, não é a racionalidade “teorética” que domina, a Lógica Formal Grega não funciona durante uma guerra. Há outras “lógicas” em operação, uma agonística, um espaço para o movimento, para a contradição.

É nesse “calor da situação” que as armas conceituais são forjadas. Um filósofo-guerreiro se torna o que é quando está em guerra. É nesse momento que ele precisa defender a todo custo seus conceitos-armas e enfrentar seus problemas-inimigos. Vejamos agora cada um dos princípios e pressupostos que Nietzsche apresenta para um “duelo leal”.

Igualdade perante o inimigo – eis o primeiro pressuposto para um duelo leal. Onde há desprezo, não pode travar-se uma guerra; onde se decreta, onde algo se divisa abaixo de si, não deve travar-se uma guerra. – A minha prática da guerra enuncia-se em quatro proposições. Primeiro: Só ataco causas que são vitoriosas – em determinadas circunstâncias, espero até que elas sejam vitoriosas. Segundo: Só ataco causas em que não encontrarei qualquer aliado, onde me encontro sozinho – onde apenas a mim me comprometo... Nunca dei publicamente um passo que não me compromettesse: eis o meu critério da acção justa. Terceiro: Nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa só como de um forte vidro de aumento, com o qual se pode tornar visível uma calamidade geral, mas furtiva e pouco apreensível.

vel. Por isso, ataquei David Strauss, mais exactamente, o sucesso de um livro velho e decrépito na «cultura alemã» – apanhei esta cultura em flagrante delito de... Também por isso ataquei Wagner, mais exactamente, a falsidade, a frouxidão do instinto própria da nossa «cultura», que confunde a subtileza com a riqueza, os epígonos com os grandes. Quarto: Só ataco coisas em que está excluída toda a diferença de pessoas, onde falta todo o fundo de más experiências. Pelo contrário, atacar é em mim uma prova de benevolência e, em certas circunstâncias, de gratidão. Honro, distingo uma coisa, uma pessoa, em virtude de a ela associar o meu nome: *pro* ou *contra* tem, para mim, o mesmo valor. Se movo a guerra ao cristianismo, tenho direito a isso, porque nunca experimentei, por parte dele, quaisquer fatalidades e impedimentos – os cristãos mais sérios foram sempre, para mim, amistosos. Eu próprio, um adversário do cristianismo *de rigueur*, estou longe de associar a um indivíduo o que é uma catástrofe de milénios. (NIETZSCHE, 2011, p. 27-28).

Aqui temos as bases do que chamarei da “Ética artístico-marcial” Nietzscheana, sendo a primeira regra dela a *igualdade perante o inimigo*. Essa é a exigência de um combate leal, honesto. Não devemos duelar contra algo que desprezamos, que temos a certeza de que a vitória está garantida. É necessário desafiar adversários que estejam em pé de igualdade conosco. Adversários diante dos quais sabemos que existe alguma chance de perdermos a batalha.

Os adversários de Nietzsche são sempre adversários à altura, nunca adversários desprezíveis. Dessa forma, além de lealdade, haverá honra na luta, independente do resultado. Na verdade, há até casos em que se espera que o adversário seja vitorioso. Não há desonra em perder uma luta, e sim em vencer uma luta contra alguém que já está caído, ou algum adversário que sequer tenha condições de combater em igualdade. Um combate, dentro dessa “regra”, dentro da igualdade, garante que mesmo quando se é desafiado, não “levamos pro lado pessoal”, afinal, apenas se desafia quem tem condições de vencer, logo, só somos desafiados quando nosso adversário reconhece nossa “força”, nossa condição de igualdade e de potência.

Nietzsche nos apresenta, nos trechos seguintes, quatro “proposições” para sua prática de guerra: 1) Só atacar causas que são vitoriosas, 2) Só atacar causas em que não encontre aliados, onde se esteja sozinho, 3) Nunca atacar pessoas e 4) “Só ataco coisas em que está excluída toda a diferença de pessoas, onde falta todo o fundo de más experiências”.

Vencer adversários já vencidos não é a função do filósofo. Seria como “lustrar os conceitos”, apenas lustrar as armas como quem quer se gabar das boas armas que possui. Não é honra comemorar uma batalha onde a vitória é certa, em virtude de o adversário ser tão fraco e desprezível que não exige nenhum esforço. Não devemos nunca desprezar os inimigos. Se há desprezo é porque não vale a pena entrar em conflito. Quando se ataca um adversário vitorioso, mesmo quando se perde a luta, você sai também vitorioso. Contudo, quando um

adversário já entra na luta derrotado, não há mérito nesta luta, ainda que ela seja vencida. Sai-se igualmente derrotado.

Deleuze e Guattari, em sua obra *O que é a filosofia?*, apresentam sua concepção do que são os conceitos, inclusive, citando Nietzsche:

Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da filosofia quando escreveu: “os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso”, mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou (Platão sabia isso bem, apesar de ter ensinado o contrário...). Platão dizia que é necessário contemplar as Idéias, mas tinha sido necessário, antes, que ele criasse o conceito de Idéia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13).

O problema é aquilo que nos coloca em movimento, que nos incomoda, que nos deixa em alerta, sem conseguir dormir. O problema exige que novas armas de combate sejam criadas, novos conceitos sejam confeccionados. Assim, não nos contentamos com os conceitos que nos são impostos. Quando vemos que eles não servem, criamos outros. Confiamos em nossos próprios conceitos, nossas próprias armas, porque elas foram criadas de forma legítima, não no mundo das ideias, no mundo do “desprezo pelo corpo”. Mas, justamente no mundo real e com nossa assinatura. Um filósofo precisa se dedicar a duelar com problemas que o instiguem a ir à guerra.

Eis aí a segunda preposição: “atacar sem aliados”, ou seja, se comprometer, se colocar em risco, assinar seus conceitos e guerras. Problemas novos exigem criar conceitos (armas) sempre novos; é diante do risco que o filósofo (o guerreiro) aplica sua versatilidade e maestria. A guerra é a situação em que a premência da morte se encontra mais aguçada, de modo que precisamos lidar com a ideia da finitude humana, o que coloca, novamente, a questão sobre a afirmação da vida (e a ideia de eterno retorno). A morte é uma condição inerente à vida, e somente quem entende a noção de *Amor fati* é capaz de aceitá-la – quando esta é inevitável, vale ressaltar. Somente se aprendemos a lidar com a própria morte é que podemos alcançar a

sabedoria trágica. Assim, a guerra está muito além da noção de humanidade atual, mas, nos prepara para superar a própria condição atual do que tomamos como humano.

Com isso, trazemos a terceira proposição: “Não atacar pessoas”. Os ataques são disferidos contra “pensamentos”, nunca contra pessoas, segundo Nietzsche. Não se deve “pessoalizar” um ataque. Nietzsche afirma que seus ataques não eram contra os cristãos e sim contra o cristianismo. O filósofo afirmava que não podia “associar a um indivíduo o que é uma catástrofe de milênios” e que, na verdade, tinha certa amistosidade pelos cristãos mais sérios. Dessa maneira, mesmo que os ataques acabem sendo disferidos por e contra pessoas (afinal, é na escala do real que os combates ocorrem), de maneira alguma esses ataques poderiam ser interpretados como sendo algo referente às pessoas e sim contra a causa que estas pessoas representam ou defendem.

O filósofo afirma que atacar, nessa perspectiva, pode ser visto como uma forma de honrar a própria pessoa ou mesmo como forma de gratidão. Isso porque, uma vez que o ataque não se dá por “fundos pessoais”, então, ele é uma prova de que há um adversário digno do outro lado. O adversário é alguém que impele o guerreiro-filósofo a se superar e exercitar suas habilidades artísticos-marciais. É nesse sentido que há uma gratidão, porque ir à guerra nos coloca numa condição de preparação para lidar com a vida mesma, a fugir dos perigos do pensamento de rebanho, do niilismo, da fraqueza da moral enfraquecida.

A guerra, em Nietzsche, não é apenas uma metáfora, mas uma condição ontológica da existência. Toda a vida é conflito, uma batalha entre forças que se afirmam e se opõem. O filósofo-guerreiro é aquele que aceita essa condição e a utiliza como força criativa. Para Nietzsche, a paz, quando buscada como objetivo final, leva à estagnação e à decadência. A verdadeira vida é encontrada na luta, no confronto e na superação constante.

Em *Ecce Homo*, Nietzsche sugere que sua própria vida foi um campo de batalha, onde ele travou guerras conceituais contra seus contemporâneos, contra a moralidade decadente e até mesmo contra suas próprias limitações físicas e mentais. Essa aceitação da guerra como parte essencial da vida é o que permite ao filósofo-guerreiro transcender as limitações impostas pela sociedade e criar algo novo e afirmativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UMA ÉTICA ARTÍSTICO-MARCIAL

Com essa expressão, “Ética artístico-marcial”, nos referimos à ideia de que, em Nietzsche, a filosofia envolve tanto o combate quanto a criação, unindo a prática da marcialidade com a de criação artística. Para entender esse conceito, é necessário ver como Nietzsche integra a guerra como princípio criativo e filosófico. Ele rejeita a moralidade tradicional, que valoriza a fraqueza e a submissão, propondo uma ética de superação e criação. A guerra, nesse contexto, não é apenas uma destruição, mas uma oportunidade de criação de autossuperação. O filósofo, como um guerreiro, enfrenta adversários – externos e internos – para forjar novos valores, assim como o artista molda sua obra ao destruir o material bruto.

Para Nietzsche, a vida deve ser vivida como uma obra de arte. O filósofo-guerreiro não é apenas um destruidor de valores, mas também um criador, alguém que molda a própria vida como uma escultura viva, feita de decisões e ações afirmativas. Essa concepção estética da vida está profundamente ligada à noção de guerra, pois, assim como o escultor deve destruir a matéria bruta para criar algo novo, o indivíduo deve destruir as ilusões e os valores decadentes para dar forma a sua própria existência, uma vida que não se contenta com a ticanhez.

É assim que ele “Se torna o que se é”. O lema “conhecer a si mesmo” não se dá de forma estática e definitiva, como se fosse possível se conhecer e dar um “ponto final” nessa definição. Pelo contrário, se conhecer é estar continuamente se construindo-destruindo, se descobrindo-inventando, se afirmando. O artista é sua própria arte, é, ao mesmo tempo, autor, obra e processo. No caso do filósofo, ele cria conceitos, e estes conceitos são suas ferramentas, com as quais lida e intervém no mundo, com as quais se confecciona a si mesmo. É com essas armas que duela, e é duelando com suas armas que ele se constrói, no “calor da luta” que ele se forja.

Nietzsche rejeita a ideia de que a beleza está na harmonia ou na perfeição estática. Ao contrário, a verdadeira beleza está na luta, no conflito entre forças opostas que gera a criação, no Apolíneo-Dionisíaco. A guerra, portanto, é vista como um elemento estético, onde o caos e a destruição não são fins em si mesmos, mas meios para a criação de algo novo e mais forte. *Ecce Homo* é uma autobiografia, e nada poderia ser mais emblemático. Nela, Nietzsche apresenta a sua própria vida como uma obra de arte, uma criação contínua onde cada batalha — intelectual, física ou moral — foi um ato criativo que o levou à superação. Por isso se faz tão importante falar da sua alimentação, do clima, dos tipos de terrenos, da saúde e da ausência dela. Entender o ambiente, a situação, é fundamental para a guerra, assim como para a vida como um todo, sob uma perspectiva da sabedoria trágica.

A estética da guerra, então, envolve uma aceitação do trágico, uma celebração da vida em todas as suas formas, incluindo o sofrimento e a morte. O filósofo-guerreiro cria sua vida da mesma forma que um artista cria uma obra de arte, enfrentando a resistência e o caos como partes inerentes ao processo criativo. A guerra é um ambiente de destaque para aprendermos a lidar com nós mesmos e com o mundo, sem as escamas da metafísica, as cortinas de fumaça das religiosidades e dogmas. Na guerra se encara a morte, a todo momento, assim, encaramos a vida “nua e crua”, tal como ela é, sem maquiagens e com solos metafísicos.

Mais que apenas uma metáfora para a vida em seus conflitos, as guerras são também reais, vivemos um mundo cheio de guerras reais. Um filósofo enraizado na terra não pode desprezar esse fato, é preciso amar este fato. Os filósofos-guerreiros, por sua vez, são aquelas pessoas que não apenas aceitam, mas mergulham em como participar ativamente destas possíveis guerras e seus elementos; elegendo os inimigos-problemas e as estratégias de combate, escolhendo as armas-conceitos que vai usar e inventando novas, quando necessário for.

É preciso se tornar um artista marcial, um mestre da guerra.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, Alain. *Nietzsche: O Filósofo, o Evento*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche: vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DIAS, Rosa Maria. *A questão da criação em Nietzsche e em Bergson*. In: Cadernos Nietzsche nº 31. São Paulo, 2012.
- FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (Org.). *A Fidelidade à Terra: Assim Falou Nietzsche IV*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAUT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HERÁCLITO. *Fragmentos*. In: Vol. Pré-Socráticos, Col. "Os Pensadores". Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na Idade Trágica dos gregos*. Trad. de Maria Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e posfácio de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de bolso, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Felipe Araujo Fernandes é Professor de Filosofia na Rede Estadual do Rio de Janeiro. Doutor em Filosofia pelo IFCS-UFRJ, tendo como temas de pesquisa as Artes Marciais e as ciências da guerra. É praticante de Capoeira Angola e de Ving Tsun Kung Fu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9152-881X>. E-mail: felipe-araujo.fernandes87@gmail.com.

Endereço: Caminho do Lúcio, 79, Bangu. Rio de Janeiro - RJ. CEP.: 21 840 092.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Profa. Doutora Quésia Oliveira Olanda / Profa. Doutora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos